



A LEI DOS DESTINOS

Homem, tu que caminhas neste mundo, confiante nas tuas forças e acreditando-te invulnerável a todo mal, a toda causa de perturbações e de dissabores, para e pensa: temos um destino a cumprir. Nossos pensamentos, palavras e atos têm a repercussão compatível com a força que emitimos ao agir. Caminharás na direção do que fazes e do que pensas. Os pensamentos gerarão, em torno de ti, ideias, quadros que se materializarão, a pouco e pouco, até que fiques dominado por esses mesmos ideais.

Homens de bem elaboram seu futuro planejando ideias formosas e construtivas.

Homens voltados para o mal, ainda que temporariamente, fazem de seus atos mentais verdadeiras e horrendas paixões que os consomem.

Assim, cuida de tua vida mental:

- Não fales daquilo que ignoras;
- Não digas mal de ninguém;
- Evita confrontos desnecessários, por infantis;
- Não repitas afirmações alheias, antes de te assegurares de sua veracidade;
- Pensa no futuro que constróis, pouco a pouco, com os teus atos e tuas palavras; (...)
- Coopera com Deus, assegurando bondade, realização e forte determinação naquilo que te cabe na obra do bem; (...)
- Jamais entres a vida de alguém;
- Segue sempre em frente, não olhando para trás, para as obras mortas.

Assevero-te que o teu destino não é joguete de Espíritos levianos e maus: ele é construção diária de ti mesmo.

Jamais te excedas! E, olhando sempre para frente, em busca de tuas realizações, toma como modelo a Jesus e a um daqueles grandes instrutores que a humanidade conheceu, e segue adiante, modelando, a cada dia, a tua própria imagem de Espírito que caminha buscando Deus, criando seu próprio destino, belo, forte, sempre promissor, mas, acima de tudo, devotado construtor de si mesmo!

Luis

Do livro: *Em Torno de Léon Denis*. CELD
Psicofonia: Altivo C. Pamphiro

Estudo: *O Livro dos Espíritos* – Terceira Parte – Cap. X – “Lei de Liberdade”, questões 851 a 859

FATALIDADE

851. Haverá uma fatalidade nos acontecimentos da vida, conforme o sentido dado a esta palavra, isto é, todos os acontecimentos achar-se-ão fixados antecipadamente? E, neste caso, o que vem a ser do livre-arbítrio?

“A fatalidade existe apenas pela escolha que o Espírito fez, ao reencarnar, de experimentar esta ou aquela prova; escolhendo-a, constrói para si uma espécie de destino, que é a própria consequência da posição em que se acha colocado; (...)”

852. Há pessoas que parecem perseguidas por uma fatalidade que independe da sua maneira de agir; a desgraça não estaria no destino delas?

“Talvez sejam provas que devam suportar e que elas escolheram; mas, ainda uma vez, lanças à conta do destino o que, em geral, é apenas consequência de vossa própria falta. Em meio aos males que te afligem, tenta manter tua consciência pura, e já obterás metade da consolação.” (...)

854. Do fato de ser infalível a hora da morte, pode-se concluir que as precauções que se tomam para evitá-la são inúteis?

“Não, pois as precauções que tomais vos são sugeridas com vistas a evitar a morte que vos ameaça; constituem um dos meios para que ela não ocorra.”

855. Qual o objetivo da Providência fazendo-nos correr perigos que não devem ter consequência?

“Quando tua vida é posta em perigo, trata-se de um aviso que tu mesmo desejaste, a fim de te desviores do mal e te tornares melhor. (...)

856. O Espírito sabe, antecipadamente, através de que gênero de morte deverá sucumbir?

“Sabe que o gênero de vida que escolheu o expõe a morrer antes dessa maneira, que daquela; mas sabe, igualmente, que lutar terá que sustentar para evitá-lo e que, se Deus o permitir, ele não sucumbirá.”

857. Há homens que afrontam os perigos dos combates, persuadidos de que a hora deles não chegou; há algum fundamento nessa confiança?

“Com muita frequência, o homem tem o pressentimento do seu fim, como pode ter o de que ainda não morrerá. Este pressentimento lhe vem dos seus espíritos protetores, que querem adverti-lo para que esteja pronto para partir, ou que fortalecem sua coragem nos momentos em que dela mais necessita. Pode vir-lhe, ainda, da intuição que tem da existência que escolheu, ou da missão que aceitou e que sabe que tem de cumprir.”

858. Por que será que aqueles que pressentem sua morte, geralmente, a temem menos do que outros?

“É o homem quem teme a morte e, não, o Espírito; aquele que a presente pensa mais como Espírito do que como homem: compreende sua libertação e aguarda.”

859. Se a morte, quando tem que acontecer, não pode ser evitada, o mesmo se dá com todos os acidentes que nos sobrevêm, no decorrer da vida?

“Frequentemente, são coisas bastante insignificantes para delas vos prevenir e, algumas vezes, fazer-vos evitá-las, dirigindo vosso pensamento, pois não nos agrada o sofrimento material; mas isto é de pouca importância para a vida que escolhestes. (...)”